



MULHERES EM POSIÇÃO DE DESTAQUE: POR QUE ISSO AINDA SURPREENDE?¹

Andréa Ariani²

Fundação Armando Álvares Penteado (FAAP), São Paulo, SP

Resumo: O artigo em questão apresenta algumas colocações sobre a luta das mulheres para conseguir ocupar seu lugar nos cargos de poder e em posição de destaque mundialmente. A ênfase principal será na questão do preconceito contra jornalistas, repórteres e apresentadoras no esporte brasileiro e mundial. O conteúdo exposto, sem querer parecer planfetério, abrange a origem histórica do feminismo, a origem do preconceito, a luta das minorias e como a mulher, principalmente neste início de século, tem conseguido aumentar sua presença e quebrar paradigmas com seu trabalho, sem precisar de apelos estéticos ou sexuais para legitimar suas conquistas. Com base em análise de pensadores é que vamos procurar entender como, através do esporte e da cobertura jornalística, as mulheres conseguiram tornar um sucesso a famosa luta por um lugar ao Sol e mostrar querem apenas ficar conhecidas por suas idéias.

Palavras-chave: mulheres; feminismo; poder; esporte; preconceito.

Introdução

A palavra inclusão está muito na moda ultimamente. Inclusão digital, social, educacional e toda luta é legítima, ampla e irrestrita, como diz o bordão que todo orador ou defensor da palavra costuma utilizar. Do direito ao voto, o direito ao aborto, a descoberta da sexualidade, das conquistas intelectuais, esportivas, políticas e culturais ao uso exagerado do direito de expressão, do uso do corpo como objeto, da legitimação dos

¹ Trabalho apresentado na pós Graduação em Jornalismo Esportivo da FAAP, a ser enviado para o XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste

² Graduada em Comunicação Social - Rádio e TV pela Universidade Metodista de São Paulo, pós-graduanda em Jornalismo Esportivo pela Fundação Armando Álvares Penteado de São Paulo- FAAP – ariani.is.andrea@gmail.com



preconceitos é preciso entender como as mulheres como indivíduos usufruíram e fizeram valer essas conquistas. Como análise primeira e como o objetivo é destacar a luta das mulheres por igualdade e como isso se refletiu em diversas áreas através dos tempos é preciso entender; o feminismo não é uma luta de desocupadas, despreparadas, de mulheres não femininas como se costuma hostilizar, lutar por seu legítimo espaço é uma tentativa antiga de se fazer presente. Costume. É preciso tentar quebrar com argumentos que a facilidade de ter incutido certos preconceitos e pré-julgamentos precisam sair do lugar comum, de ser fácil, cômodo e de ser um costume continuar legitimando padrões de pensamento.

Engana-se quem acha que, na onda da idéias de liberdade dos anos 60, o movimento feminista teve origem ou ganhou força somente a partir do livro *A Mística Feminina* (*The Feminine Mystique*, 1963), de Betty Friedan. Ativista, seu best seller foi base para a dita segunda onda do feminismo e tornou-a uma das mais influentes feministas do século XX. Para chegar até aí, houveram muitas outras ações mundiais pela luta de igualdade, melhores condições de trabalho e reconhecimento. Um dos exemplos e para entender melhor este hitstórico é tomar como base o estudo feito por Ana Isabel Álvares Gonzalez no “As origens e a comemoração do Dia Internacional das mulheres”³ em que diz:

“o Dia Internacional da mulher, como data de forte significado para o movimento de mulheres que se desenvolvia na Europa no período de passagem do século 19 para o século 20 e, na atualidade, para as mulheres de todo o mundo, não surgiu do nada, assim como todo acontecimento histórico. Seu nascimento teve como base ideológica as teorias socialistas da segunda metade do século 19. E não poderia ser de outra forma, já que foram os socialistas os que dedicaram mais espaço em seus escritos e mais tempos em suas atividades políticas à chamada “questão da mulher”. Conscientes da situação de inferioridade e a opressão que as mulheres sofriam na sociedade e na família e, de que a posição delas havia piorado com seu acesso ao trabalho remunerado, os socialistas faziam coincidir as causas das mulheres com as do proletariado já que, segundo suas teorias, a solução de todos os problemas de ambos os grupos estava na futura sociedade socialista, na qual a propriedade privada dos meios de produção, raiz de todos os males da sociedade capitalista, seia

³ GONZALEZ, 2010, p.49



eliminada. Portanto, para que as mulheres participassem da luta proletária e para que a revolução socialista fosse bem-sucedida – promessa de um futuro portador de esperanças para mulheres e operários -, era necessário incluí-las nos programas dos partidos socialistas e desenvolver um intenso trabalho de agitação e educação política entre elas, a educação a que as mulheres jamais tinha tido acesso.”

Foi assim que tiveram início, muito antes de qualquer revolução industrial, mais precisamente na década de 10, muitos dos movimentos liderados por mulheres. Segundo a Wikipedia⁴, a

“primeira onda do feminismo se refere a um período extenso de atividade feminista ocorrido durante o século XIX e fim do século XX no Reino Unido e nos Estados Unidos, que tinha o foco originalmente na promoção da igualdade nos direitos contratuais e de propriedade para homens e mulheres, e na oposição de casamentos arranjados e da propriedade de mulheres casadas (e seus filhos) por seus maridos. No entanto, no fim do século XIX, o ativismo passou a se focar principalmente na conquista de poder político, especialmente o direito ao sufrágio por parte das mulheres. Ainda assim, feministas como Voltairine de Cleyre e Margaret Sanger já faziam campanhas pelos direitos sexuais, reprodutivos e econômicos das mulheres nesta época.”

Ainda segundo a Wikipedia, “o fim da primeira onda do feminismo nos EUA é considerado como tendo terminado com a aprovação da 19ª Emenda à Constituição dos Estados Unidos, de 1919, que concedeu a mulher o direito ao voto em todos os estados.” Foi esta primeira onda que começou a discutir sobre os moldes do casamento, o divórcio, engatinhava o conceito de métodos contraceptivos e o direito ao aborto e já naquela época muitas eram contra e sobre o direito a sexualidade e não obrigatoriedade de estar a disposição dos maridos. A partir de então, muitos outros países incluindo os da União Soviética e Reino Unido tiveram seus movimentos próprios. Mas foi a França e os Estados Unidos os países que mais se destacaram com o movimentos que até hoje estão na mente da maioria das pessoas quando se fala em revolução feminista. Exemlos

⁴ Em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Feminismo>



clássicos foram a “Women’s Liberation” nos EUA – onde houve a clássico episódio da queima dos sutiãs. Segundo artigo de Edi Calvacanti no Blog anos 60⁵,

“episódio conhecido como *Bra-Burning*, ou *A Queima dos Sutiãs*, foi um evento de protesto com cerca de 400 ativistas do WLM (Women’s Liberation Movement) contra a realização do concurso de Miss America em 7 de setembro de 1968, em Atlantic City, no Atlantic City Convention Hall, logo após a Convenção Nacional dos Democratas. Na verdade, a ‘queima’, propriamente dita, nunca aconteceu. Mas a atitude foi incendiária. A escolha da americana mais bonitinha era tida como uma visão arbitrária da beleza e opressiva às mulheres, por causa de sua exploração comercial. Elas colocaram no chão do espaço, sutiãs, sapatos de salto alto, cílios postiços, sprays de laquê, maquiagens, revistas, espartilhos, cintas e outros “instrumentos de tortura” (v. Duffet, Judith. WLM vs. Miss America. Voice of the Women’s Liberation Movement. October 1968, pg 4.). Aí alguém sugeriu que tocassem fogo, mas não aconteceu porque não houve permissão do lugar (que não era público) para isso. Também ninguém tirou seu sutiã. Essas lendas urbanas surgiram porque, ao dar ampla cobertura para o evento, a mídia o associou a outros movimentos, – como o da liberação sexual; dos jovens que queimaram seus cartões de segurança social em oposição à Guerra do Vietnã - e passou a chamá-lo de “bra-burning”, (queima de sutiãs), encorajados por ativistas como Robim Morgan (ex-estrela-mirim da rádio e TV, ativista, escritora, poeta e editora do “Sisterhood is Powerful e Ms. Magazine).

E assim também se perpetuam lendas. Na França, um dos ícones do pensamento feminista é Simone de Beauvoir. Sua obra mais emblemática é *O Segundo Sexo*, de 1949, uma análise detalhada da opressão sofrida pela mulher e um tratado com as fundações do feminismo contemporâneo. Seu casamento e sua parceria intelectual com Jean Paul Sartre, também filósofo francês, a fez desenhar sua obra baseada no preceito de que de que "a existência precede a essência" e, portanto, "não se nasce uma mulher, torna-se uma". Segundo ela, “as mulheres teriam sido consideradas, ao longo da

⁵ Em <http://anos60.wordpress.com/2008/04/07/a-queima-dos-sutias-a-fogueira-que-nao-aconteceu/>



história, como anormais e transviadas, e sustenta que até mesmo Mary Wollstonecraft⁶ considerava os homens como o ideal ao qual as mulheres deviam aspirar; para o feminismo seguir adiante, segundo Mary, esta atitude deveria ser abandonada.”

Vivemos atualmente o que se considera o pós-feminismo. O que, na realidade, é um termo errado já que os temas continuam os mesmos e a igualdade ainda um pouco distante de serem alcançadas como veremos adiante. Segundo Angela McRobbie⁷ em seu livro “Pós feminismo e cultura popular” adicionar o prefixo "pós-" a *feminismo* mina todos os avanços que o feminismo fez na conquista da igualdade para todos, incluindo as mulheres. "Pós-feminismo" daria a impressão de que esta igualdade já teria sido atingida, e que as feministas agora poderiam dedicar-se a metas diferentes. McRobbie acredita que o pós-feminismo pode ser visto mais claramente nos produtos supostamente feministas da mídia, tais como filmes e séries como *Bridget Jones's Diary*, *Sex and the City* e *Ally McBeal*. Personagens femininas como Bridget Jones e Carrie Bradshaw alegam serem liberadas, e gozam claramente de sua sexualidade, porém estão constantemente à procura do homem que fará tudo valer a pena.”

Os efeitos dessa tal liberdade de expressão gerou alguns ruídos como associação do termo feminista a lesbianismo e lutas isoladas de movimentos ou contra violência doméstica, ou lugar no mercado de trabalho, ações culturais e políticas.

No Brasil, considera-se a princesa Isabel como a primeira grande revolucionária pela assinatura, em 1888, da Lei Aurea para libertação dos escravos. É considerado um dos marcos do movimento, a semana de 22. Além da revolução nas artes com Tarsila do Amaral e Anita Malfati, a zoóloga Bertha Lutz fundou a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, que lutava pelo voto, pela escolha do domicílio e pelo trabalho de mulheres sem autorização do marido. Em 1933, a conquista do voto feminino e um ano depois, a eleição da primeira deputada, Carlota Pereira de Queirós. Enquanto os ideais feministas ganhavam força mundo afora, nos 60, o Brasil vivia a ditadura militar. Havia, paralelo o movimento de luta armada, uma militância feminista contra o regime militar.

⁶ Mary Wollstonecraft foi uma escritora britânica. É considerada como pioneira do moderno feminismo com a publicação da obra "A Vindication of the Rights of Woman" (em português, *Uma Defesa dos Direitos da Mulher*), em 1790. Em http://pt.wikipedia.org/wiki/Mary_Wollstonecraft

⁷ McRobbie, Angela (2004). *Post-feminism and popular culture*. *Feminist Media Studies*, 4:3,255 — 264



Mas somente 15 anos depois é que houve um dos momentos mais importantes no Brasil. 1975 foi decretado pela ONU como o “Ano Internacional da Mulher”, as questões que tanto pregravam os movimentos isoladamente puderam ganhar força e serem discutidos em universidades, centros comunitários, igrejas e todas as instituições que aderiram à causa. Segundo novamente a Wikipedia⁸,

“no mesmo ano aconteceu o Congresso Internacional da Mulher no México e simultaneamente no Brasil, sendo que este mandou ao México, Berta Lutz como representante. No Brasil, o movimento organizou a *Semana de Pesquisa Sobre o Papel e Comportamento da Mulher Brasileira*. Como resultado desse movimento criou-se, em setembro de 1975, o *Centro da Mulher Brasileira*, um órgão institucionalizado, responsável por intermediar e articular os objetivos feministas em forma de ação coletiva. Muitas mulheres haviam sido exiladas no exterior e voltavam com grandes contribuições para o CMB. O *Centro da Mulher Brasileira* propôs um centro de estudos que promoveu grandes seminários e grandes discussões e pesquisas sobre a condição da mulher. Daí surgiram várias publicações em jornais e revistas além da produção de livros.”

Os anos seguintes ainda promoveram o Movimento Feminino pela Anistia, criado no final de 1975, a CPI de 1977 para investigar a situação da mulher no mercado de trabalho e a criação do programa TV Mulher na Rede Globo. O percussor dos programas femininos nas redes de TV, trazia um elenco de apresentadores que desde culinária, moda e comportamento, discutia questão sobre sexualidade, tendo como destaque a sexóloga e hoje ex-prefeita e atual senadora Marta Suplicy. Concluindo com a Wikipedia, o movimento no Brasil teve também seus momentos e personagens marcantes:

“Nos primeiros anos do século XXI, as feministas brasileiras comemoraram como uma vitória a revogação do artigo do Código Penal que tratava do crime de "raptó", uma vez que neste disposto havia a expressão "mulher honesta", considerada ofensiva pelo movimento feminista. Mais recentemente, acentuou-se a indisposição contra a música "Ai, que saudades da Amélia", de Ataulfo Alves e Mário Lago, em cuja letra o autor compara sua atual mulher com a solidária *Amélia*, que, nos versos, "era uma mulher de verdade, não

⁸ Em http://pt.wikipedia.org/wiki/Feminismo_no_Brasil



tinha a menor vaidade, e que passava fome ao lado do parceiro sem reclamar". Muitas feministas consideram essa música uma ofensa à liberdade da mulher e, às vezes por ignorância, distorcem o sentido, concebendo a *Amélia* como uma mulher submissa que não tem vontade coisa nenhuma.”

Mulher e preconceito

Não é preciso pensar muito para, analisando todo o histórico do feminismo mundial, chegar à conclusão ou ser basear em inúmeras teorias para entender que, além de muitas conquistas materiais e intelectuais, andaram paralelos e foram base também para a construção e solidificação de muitos preconceitos. Aquela máxima de que se fosse não pode vencer junte-se ou tente ao máximo desmoralizá-lo cabe perfeitamente nesta reflexão. Segundo o artigo “O preconceito contra as mulheres na história”⁹ de Aurení Ribeiro, “a imagem de fragilidade e submissão sempre esteve ligada à mulher na história, principalmente na antiguidade, idade média e moderna. Muitos pensadores, teólogos e filósofos contribuíram para aumentar sua posição de inferioridade, mas o que não impediu que muitas mulheres se rebelassem contra tal atitude em todos os tempos.” Ou seja, os problemas, os termos pejorativos, a ridicularização e todo o tipo de condenação contra as lutas feministas, partiam literalmente de baixo para cima e não é contemporâneo. De Platão, Rousseau, Kant e Nietzsche à os compositores de letras de funk, a perpetuação do preconceito só evoluiu, seguindo as mesmas bases e curiosamente a mesma linha de raciocínio. Ainda segundo o artigo, como exemplo de declarações,

“renomados pensadores tiveram sua parcela de contribuição nas justificativas de sexo frágil. Rousseau no século 18, disse que a mulher e um ser destinado ao casamento e a maternidade, Lamennais chamava – a de “estátua viva da burrice”, Diderot escreveu que embora pareçam civilizadas “continuam a ser, verdadeiras selvagens” e que ela era propriedade do homem. Napoleão não menos Machista afirmava “a mulher é nossa propriedade e nos não somos propriedade dela”. Kant a considera “pouco dotada intelectualmente, caprichosa indiscreta e moralmente fraca”; Schopenhauer coloca a mulher entre o

⁹ Em <http://www.overmundo.com.br/banco/o-preconceito-contra-as-mulheres-na-historia>



homem e o animal e diz “cabelos longos inteligência curta”; Nietzsche “o homem deve ser educado para a guerra a mulher para a recreação do guerreiro” para Balzac a única glória das mulheres estava em fazer pulsar o coração de um homem, para Proudhon a mulher que trabalhava era umas ladra que roubava o trabalho de um homem.”

Muitas meninas e mulheres ao longo da história não deram a mínima para o pensamento machista e fizeram história. Exemplos também clássicos vão de Cleópatra à Evita Peron, passando por Marilyn Monroe e Madre Teresa de Calcutá. No jornalismo, uma das mulheres a fazer história foi da americana Katherine Graham, primeira mulher a chefiar um veículo de mídia, neste caso, o jornal The Washington Post. Foi enfrentando de peito aberto todos os desafios que elas conseguiram escrever sua história, inspirar outras e criar as bases para outras conquistas. Sem serem apelativas, como conclui brilhantemente a atual primeira dama da Califórnia, Maria Shriver, mulheres bem-comportadas não fazem história”, declaração feita na Women’s Conference de 2004.¹⁰

Mulheres no esporte

Tendo o futebol, o hipismo e tênis como modalidades praticadas por mulheres nos anos 20 e 30, eram consideradas atividades que integravam e equiparava os gostos da burguesia local e mundial. Muito antes de qualquer popularização, a maior parte da sociedade, mais evoluída intelectualmente e tecnologicamente ou não, nesta época ainda basicamente composta de escravos e negros recém alforriados. Indicado como atividades escolares ou como orientação médica, é que o esporte começou a fazer parte do cotidiano das pessoas. Segundo o livro “História do Esporte no Brasil” de Mary Del Piore e Victor Andrade de Melo¹¹

“a participação feminina no universo das práticas corporais e esportivas estava voltado para a maior inserção das mulheres na vida social daquele tempo, por outro, estava fortemente atrelada à política nacionalista em voga que, assentada na eugenia e no higienismo, identificava o corpo feminino como o local privilegiado para a consolidação do projeto nacional de fortalecimento orgânico dos corpos, do aprimoramento dos valores morais, da construção de uma raça forte e, por consequência, de uma nação forte.”

¹⁰ Em http://www.youtube.com/watch?v=2_5Bncv0li0

¹¹ DEL PRIORE; MELO – 2009, p. 276



Menos maternal e mais estético, as mulheres passaram usar o esporte como uma forma até revolucionária de mostrar o corpo, de defini-lo com exercícios, de buscar prazer, saúde, aliada ao preceito de juventude e beleza que a prática esportiva poderia proporcionar. Ainda segundo Del Priore e Melo,

“pode-se afirmar que o esporte, nos primeiros anos do século XX, deve ser analisado como um importante espaço de exercícios de sociabilidade das mulheres e entre mulheres, um espaço que tornou visível a sua presença não apenas como espectadora ou copartícipe de uma aparição, mas, fundamentalmente, como sua principal protagonista. Ainda que o discurso de maternidade sadia e do aprimoramento da raça fosse marcadamente produzido e reproduzido, não foi apenas em seu favor que o esporte era sugerido para as mulheres: ele sinalizava novos tempos diante dos quais o arcaico confinamento das mulheres no interior do espaço privado simbolizava falta de cultura e de civilização.”

Não só praticando e batendo recordes as jornalistas também enfrentavam duros desafios e corriam verdadeiras maratonas para se estabelecer nas coberturas esportivas. No Brasil, uma das pioneiras foi Cidinha Campos. Ela ficou famosa ao entrevistar o rei Pelé no dia em que marcou o seu gol número 1000. Fez algo então impensado para a época – uma cobertura de jogo feita diretamente do campo por uma mulher. Sobre o episódio, ouviu do rei “você, como mulher, pode até não entender ou gostar de futebol, mas certamente sabe quem é Pelé e sabe que ele está fazendo o Gol 1.000”. Preconceito instaurado. Depois disso, como diz o site História da Comunicação no Brasil¹², “Cidinha, foi apresentar o Programa “Dia D” de cunho jornalístico, também pela Record, ganhou vários prêmios, entre eles o Roquete Pinto, cursou jornalismo, por ter sido picada pela mosca do jornalismo (como ela mesmo diz) continuou a fazer Tv, rádio até se envolver com política, mas foi a entrevista com Pelé uma das que mais marcou Cidinha. Segundo Milton Neves, Cidinha é uma lenda viva da comunicação, e ratifico Cidinha abriu as portas para as mulheres no campo esportivo.”

¹² Em <http://hcnb.wordpress.com/category/comunicacao-2/jornalismo-esportivo/>



O marketing esportivo, o body business e a tecnologia (inclui-se aí doping, treinamentos pesados) e todos os assuntos que fazem hoje parte do universo esportivo, deixaram masculino e feminino muito próximos de igualdade de conquistas, quebras de recordes dentro e fora de quadra. Na cobertura jornalística esportiva, muitas vieram após a Cidinha e estão apresentando programas, narrando jogos, fazendo matérias, entrevistas, editorando jornais. A prática é uma conquista e temos inúmeros bons exemplos. Só para citar jornalistas brasileiras temos Vanessa Richie da Sportv, Milena Ceribelli atualmente na Record e Glenda Kolloswisky da TV Globo ou ainda Vivian Mesquista da ESPN, só para ficarmos em exemplos de televisão. Mas, em nome de audiência ou pouca preocupação com conteúdo ou ainda aderindo a talvez a não obrigatoriedade do diploma de jornalista, deu vazão para a criação de mais um termo pejorativo e um fenômeno que parece impossível de vencer: a invasão de modelos e não jornalistas especialmente nos programas de televisão, banalizando a análise de jogo e perpetuando o apelo sexual através da beleza física e estética.

Tempos atuais: a banalização do corpo e a invasão das não-jornalistas nos programas esportivos

A revista TPM de fevereiro de 2009 trazia na capa o que parecia ser a nova moda do verão: as mulheres frutas. Segundo a reportagem “Fim de feira”, fenômenos que encham os olhos dos homens, além da cultura da magreza, da estética, do silicone, agora perpetua a mulher como produto comestível. A matéria cobriu um dia na vida das mulheres Melão e Melancia. Ao que a antropóloga Mirian Goldenberg, “Só no Brasil existe essa relação de mulher ser comida. No fundo, somos todos fruto, e frutas, dessa sociedade”.¹³ Essa publicação é uma das que mais analisa esse comportamento desordenado de padrões de beleza e, através de destaques na mídia, consegue boas matérias que desmistificam os pensamentos mais ortodoxos sobre as mulheres. Nesse caso das mulheres frutas, são fenômenos criados para vender, promovem uma moda passageira de comportamento e geralmente são engolidas (sem trocadilhos) por outros apelos visuais e da tendência seguinte.

¹³ Em <http://revistatpm.uol.com.br/revista/84/reportagens/fim-de-feira/page-3.html>



Cinco meses depois, a mesma revista colocou na capa, até por ser ano de Copa e futebol ser o assunto da vez, a ex-miss e atual apresentadora de programas esportivos Renata Fan, inicialmente crucificada como “mulher sem conteúdo” e que não entendia de futebol, apesar de não formada em jornalismo foi um exemplo de desmistificar o pré-pensamento e, além de sua beleza inquestionável, conseguiu vencer a barreira do preconceito nos debates de mesa redonda do futebol brasileiro. Segundo a reportagem¹⁴,

“depois do ímpeto verbal, a teimosia e a competitividade são características dominantes. Foi assim quando acabou conseguindo, por acaso, uma chance para fazer o programa *Terceiro Tempo*, na Record, como assistente do apresentador Milton Neves. Tinha acabado de chegar a São Paulo para fazer jornalismo, em 2003. “No primeiro dia, o Edu [Zebini, ex-diretor de esportes da emissora] disse: ‘Escolhe um time de São Paulo para torcer’. Aí, no ar, o Milton perguntou meu time e eu disse que era o Inter. O Edu ficou doido comigo e desandou a gritar. E nisso o Milton ia dizendo: ‘Inter? Então escala o melhor Inter que já viu’. “E fui escalando vários porque eu realmente sabia.”

Renata é um dos exemplos que conseguiu senão unanimidade, um bom destaque e elogio dos colegas de profissão, inclusive de Milton Neves, um dos mais importantes jornalistas esportivos do Brasil. Mas muito outros estão por aí e o grande problema não é ser unicamente um objeto de desejo que abrilhanta uma capa de revista, um programa de TV mas que leva a generalizar toda a mulher que está ou quer fazer parte e executar um trabalho sério dentro da cobertura de esporte.

Considerações finais

Toda a análise do movimento feminista, das conquistas das mulheres, de vencer desafios, estão comprovadamente ligados aos acontecimentos posteriores e nos faz enxergar que muita da liberdade que temos para conseguir trabalhar, falar, votar e escolher parceiros ou mesmo fazer a opção sexual, está intimamente ligada a essa luta histórica. Particularmente e de forma muito breve, seja na política, seja no jornalismo, na dança, na arte, no esporte o que as mulheres querem, em sua maioria de forma séria e honesta, é ter um trabalho relevante e mostrar que as mulheres podem sim, serem tão ou

¹⁴Em <http://revistatpm.uol.com.br/perfil/renata-fan.html>



melhores que os homens. Ninguém quer fazer uma guerra de braço mas se for necessário, somos capazes de desafiá-los. Se mulheres dirigem melhor que os homens e isso é comprovadamente estatístico, segundo inclusive a reportagem da revista *Veja*¹⁵, se estão nas presidências ou cargos de poder de várias empresas multinacionais, se são chefe de estado de vários países, inclusive no Brasil que recentemente elegeu sua primeira mulher presidente da história, concorde você ou não com a ideologia, mas por que ainda surpreende quando a mulher faz algum feito, seja dirigir um caminhão, um ônibus de passageiros, apresentar um programar, publicar um livro ou governar um país? Mais de um século de luta pela igualdade e melhores condições não foram suficientes para ao menos amenizar os preconceitos de que um programa ou revista podem ser devidamente respeitados e terem audiência independente se a apresentadora aparece de biquíni ou não? A quem, enfim, queremos respeitar, as informações e os bons profissionais ou a estética que por mais que impressionante e estonteando não dura mais do que a informação e a palavra?

Citando novamente Ana Isabel Álvares Gonzalez em “As origens e a comemoração do Dia Internacional das mulheres”¹⁶

“uma das contribuições dessa história foi, a afirmação de que a mulher tem uma história, e que esta história não pode ser considerada como um conjunto de dados esquecidos cujo destino seria serem incorporados às categorias históricas tradicionais, nem tampouco como simples contribuição marginal à suposta história definitiva – a história do homem vista a partir de uma perspectiva masculina e um sistema de valores masculino. Assim, para se fazer a recuperação histórica da mulher foi necessário compreender que a existência histórica do sexo feminino não pode ser concebida, obrigatoriamente, da mesma forma que a do homem, mas como experiência e existência diferenciável e separada dele”.

A mulher só que fazer história escrevendo e atuando como protagonista de sua própria história.

¹⁵ Em http://veja.abril.com.br/101199/p_210.html

¹⁶ GONZALES, 2010, p 21



REFERÊNCIAS

ALVES, Branca Moreira & PITANGUY, Jacqueline. *O que é feminismo*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1991.

CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade*. São Paulo: Paz e Terra, 1999, 2000.

DE BEAUVOIR, Simone. *Segundo sexo*. São Paulo: Difel, 1955.

ELIADE, Mircea. *História das idéias e crenças religiosas – volume I: Da Idade da Pedra aos Mistérios de Elêusis*; tradução Roberto Cortez de Lacerda, Rio de Janeiro: Zahar, 1984.

PINTO, Céli Regina Jardim. *Uma história do feminismo no Brasil*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003.

FARIA, Nalu & NOBRE, Miriam. *Gênero e desigualdade*. São Paulo : Sempre Viva Organização Feminista, 1997.

NUNES, César Aparecido. *Desvendando a sexualidade*. São Paulo: Papirus. 1999.

TELES, Maria Amélia da Almeida. *Breve história do feminismo no Brasil*. São Paulo : Editora Brasiliense, 1993.

ROSEMBERG, Fúlvia, PINTO, Regina P. & NEGRÃO, Esmeralda V. *A educação da mulher no Brasil*. São Paulo: Global Editora, 1982